

A história da psicologia social contada da perspectiva do aluno que não fez a “tarefa de sempre”

The History of Social Psychology in the Perspective of the Student Who did not Make the “Task of Always”

Lucas Roberto Pedrão Paulino y Marilicia Witzler Antunes Ribeiro Palmieri
Universidade Estadual de Londrina

marilicia@uel.br

Resumo

Esse artigo relata a história da psicologia social contada da perspectiva de um aluno de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina-PR, a partir das significações produzidas nas aulas de Psicologia Social I. Um ensaio escrito produzido pelo primeiro autor é apresentado com originalidade, ao revelar intenção humorada e literária para tratar dos aspectos teóricos e históricos envolvidos na compreensão da psicologia social e sua história. O objetivo é apresentar o modo bastante original de relatar a história da psicologia social, mantendo o formato narrativo criativo do texto em coerência com a temática abordada. Sugere-se que a expressão humorada e literária do texto pode facilitar a compreensão dos conteúdos teóricos e históricos envolvidos no contexto do ensino de psicologia social, a fim de estimular os alunos a pensarem o universo psi na presença de sua diversidade teórica e metodológica, sempre incentivando a reflexão crítica, o diálogo e inquietação.

Palabras clave: História; Psicologia Social; Ensino de Psicologia

Abstract

In this article, we narrate Social Psychology history from a student's perspective, based in the meanings that were produced in Social Psychology lectures at the State University of Londrina (Brazil). Lucas Paolino, the first author of this text, wrote an essay in an original way, using humor and a literary style to discuss some theoretical and historical aspects in the understanding of Social Psychology and its history. We aim to present this original way of telling the history of social psychology, keeping the creative narrative of the text and being coherent with this theme. We suggest that humor, as well as the literary expression of this essay, can facilitate the understanding of theoretical and historical contents in the context of teaching Social Psychology, in order to stimulate the pupils to think the psychological universe with its theoretical and methodological diversity, always stimulating critical reflection, dialogue and fidgety.

Keywords: History; Social Psychology; Psychology Teaching

No âmbito deste trabalho entende-se que as relações entre professor e alunos não são marcadas pela assimetria de poder ou verticalidade (relação unilateral), decorrentes das diferenças nos níveis de competência social entre ambos (Valsiner, 1989). Estas relações são vistas de um ponto de vista bidirecional, pois defendemos a participação ativa de ambos no processo ensino-aprendizagem, já que envolve conflitos, contradições, alianças, transgressões, negociações e acordos, de domínio individual

ou coletivo (Dayrell, 1996). É através desses encontros e desencontros que os alunos irão construir suas visões de ser humano, de realidade e de mundo, ao interpretarem e re-interpretarem constantemente os diferentes significados que circulam no contexto educacional relacionados, em última análise, à sua formação integral.

Enquanto um contexto sociocultural de caráter acadêmico-científico, a Universidade abrange sujeitos historicamente situados, que produzem história e, portanto, uma imensidão de significados, através de diversas formas de expressão no universo semântico das relações sociais que se dão entre professores, alunos e demais coadjuvantes deste contexto institucional. Neste caso, o contexto da sala de aula, em geral e, da sala do ensino de graduação, em especial, representam espaços sociais complexos, onde se constroem regras, objetivos e metas de ensino-aprendizagem, na busca de unificar e delimitar ações que valorizem certas condições que promovam a simetria das relações sociais.

No ensino de graduação, em se tratando, particularmente, da disciplina de Psicologia Social I – a qual introduz os pressupostos iniciais para o estudo científico dessa área de conhecimento – muitas práticas educativas no âmbito da sala de aula desvelam-se em procedimentos e alternativas metodológicas diversas, ao provocar nos futuros psicólogos discussões sobre os desdobramentos epistemológicos e teóricos que marcam a produção do conhecimento contemporâneo na área (Bernardes, 1999), na busca de explicitar as diferentes concepções a respeito do mesmo objeto de estudo: o sujeito e suas múltiplas determinações (Codo, 1994).

Dada a complexidade dos conteúdos e assuntos que são tratados nesta disciplina introdutória, os quais permitem o trânsito de uma ampla gama de conceitos, orientações, idéias e concepções, considera-se particularmente importante que o processo ensino-aprendizagem seja flexível o bastante para criar espaços de interlocução entre o professor e os alunos e possibilitar processos de significação, facilitando o fluxo das atividades a serem desenvolvidas e executadas no contexto da sala de aula.

Da parte do aluno, cada texto lido e discutido constitui-se a partir de significações produzidas e veiculadas no contexto das aulas dentro dos “limites” das ações pedagógicas adotadas pelo professor e, das possibilidades de confrontos, oposições, indagações e conflitos que este incentiva. Questionam, resistem ante a imposição de regras e normativas ao produzirem seus trabalhos teóricos para entregarem ao professor como quesito de avaliação ao conteúdo ministrado.

O objetivo deste artigo, pois, é apresentar um ensaio sobre a História da Psicologia Social construído no contexto da disciplina de Psicologia Social I por um dos alunos (1º autor) do 2º ano do ensino de graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina-PR, tendo em vista a forma literária e coloquial com que este assunto é aí tratado.

De forma geral, a disciplina de Psicologia Social I na Universidade Estadual de Londrina-PR é ofertada em Sistema Anual, implicando em 136 horas relativa à sua carga horária/ano, sendo esta distribuída em aulas teóricas e aulas práticas. As aulas teóricas contemplam um ementário bastante complexo, onde é feita, inicialmente, uma retrospectiva histórica da produção de conhecimento na psicologia social. Após, trata-se de evidenciar qual é a concepção de homem e sociedade subjacente a essa produção histórica de conhecimento. Na seqüência, apresenta-se os fundamentos teórico-metodológicos dentro da perspectiva do materialismo histórico dialético, ocasião em que se discute também temáticas afetas à Psicologia Social, enfocando, particularmente, a teoria das representações sociais e categorias de análise importantes para a compreensão do ser humano no contexto sócio-histórico-cultural (identidade,

consciência, ideologia e alienação). Por fim, as aulas práticas referem-se ao planejamento de pesquisas relacionadas às questões sociais, momento em que se disponibilizam aos alunos orientações sedimentadas na abordagem qualitativa de pesquisa.

Na ambiência das aulas teóricas dessa disciplina, no ano de 2006, quando o 1º autor cursou a disciplina de Psicologia Social I, o que predominava era a idéia de contraposição a normas pré-estabelecidas para avaliar o processo ensino-aprendizagem. Essa idéia se dava de um lado, pela própria natureza dos conteúdos trabalhados na disciplina – que gerava a possibilidade dos alunos não se “encaixarem” em visões padronizadas ao pensar o objeto de estudo da psicologia – e, de outro lado, ações pedagógicas adotadas pela professora que incitava reflexões para garantir a simetria das relações ao tratar os conteúdos relativos à disciplina (aulas explicativas e dialogadas; atividades individuais e/ou em grupos; discussão de filmes; seminários; apresentação e discussão coletiva e debates em grupo).

Foi dentro deste contexto que o 1º autor elaborou um ensaio escrito sobre “História da Psicologia Social” de abordagem original e criativa, utilizando-se de uma linguagem bem humorada e literária, sem, contudo, deixar de recuperar acontecimentos e eventos históricos importantes e que influenciaram a produção de conhecimento da Psicologia e da Psicologia Social, a partir das idéias de Jefferson Bernardes (1999); Betty Oliveira (2005); Robert Farr (1999, 2002); Silvia Tatiana Maurer Lane (1981, 1984, 2002); Sueli T. F. Martins, (2005); entre outros autores. Neste sentido, a professora responsável pela disciplina (2ª autora) julgou que a apresentação do referido ensaio estava coerente com a proposta de apresentar uma reflexão crítica sobre a História da Psicologia Social, a partir dos textos lidos e discutidos na sala de aula.

Acreditando que este ensaio escrito pode facilitar a compreensão dos conteúdos teóricos e históricos envolvidos no contexto do ensino introdutório de psicologia social, optou-se por apresentá-lo como uma opção didática que possa vir a servir como fonte de consulta para instruir e para oportunizar a outros alunos a apropriação do conhecimento historicamente produzido em termos de psicologia social.

Ó Professora: Vou contar a história da psicologia social do 'meu jeito'

Descobri que tinha que fazer esse trabalho quando fui pegar o ônibus para ir embora para casa, aí pensei: PUTZ! Mais um, vou ficar duas semanas em casa e tenho mais quatro trabalhos que os professores passaram para fazer nas férias. Meu computador e a Internet ficaram na república. Mas que raios eu vou fazer em casa? Daí arranjei um computador Pentium 1,8 Mb de Ram, e 1Gb de HD (isso eu não estou inventando... é sério... isso deve ser mais antigo do que o dono – agora eu estou inventando), nos ermos da minha cidade natal e comecei. Pensei: bom, estou fazendo sozinho, estou de férias, então vou fazer algo diferente. Algo que mescle a vida e o trabalho, que seja cativante, gostoso de ler e, ao mesmo tempo, que demonstre conhecimento dos textos propostos. Foi aí que surgiu a idéia desse ensaio. Dei uma gota de meu sangue e meu suor, tirei daqui, pus ali, escrevi, apaguei, reescrevi, mexi tudo no caldeirão da folha e deu isso aí, cheio de antíteses, progressões, digressões, etcétera e tal. Voltei para a república e continuei. Espero que tenha puxado da professora pelo menos um

sorrisinho no decorrer do texto, um sorriso de “boas lembranças”, um sorriso de “eu não esperava”, ou até um de “minha nossa senhora da bicicletinha dos breque quebrado e sem rodinha”, que moleque bobo, vou dar zero para ele.

Venho por meio de este ensaio contar a rapsódia História da Psicologia Social, sob a perspectiva da minha ideologia. Mas espera aí: sob a perspectiva da minha ideologia? O que significa isso? Hum... Veremos uma breve e humorada explicação sobre ideologia.

Cada ser humano portador de uma “normalidade neurológica” (o mundo está muito carregado de patologia neurológica, vamos dar mais ênfase ao outro lado) é dotado de uma estrutura que, no decorrer de sua existência aqui na Terra, é modificada de acordo com suas experiências – muito lindo toda essa citação, não é? Palavras bonitas, mas falta objetividade. Há muitas ideologias que circulam na sociedade, sabia? Na verdade, elas não são uma criação somente minha. É sério!

Vamos, acompanhe-me numa viagem ao interior de mim, leia meus pensamentos “digitados”: Eu não tinha parado para pensar que desde que nasci e depois com o passar do tempo eu não aprendi coisa alguma sozinho, sempre aprendi com a mamãe, depois com mamãe e papai, depois com mamãe, papai, vovô, vovó, tios, tias, primos, primas, colegas da escola, namorada, enfim aprendi muitas coisas com muita gente. Foi aí que acabei descobrindo “... que a sociedade (os outros) é cheia de regras: eu devia pensar antes de agir, pensar para resolver problemas, pois “pensar” era ser inteligente” (Lane, 2002, p.14).

Pensar! Eis a chave para não correr um sério risco: o de estar sendo dominado pelos “outros” e, pior, de estar permitindo a dominação “dos outros” em mim. “Pára! Pára tudo! Calma lá ...”

Será que passei muito tempo pensando que era ser humano, mas não passava de um papagaio? Será que passei muito tempo como um autômato só reproduzindo normas e regras sociais sem ao menos reconhecer que o meu agir e o meu pensar estavam desconectados? Sei lá!... Só sei que levou um tempo para passar de papagaio e autônomo, para alguém capaz de pensar, agir e sentir de acordo com a minha consciência, buscando construir a minha identidade. Foi Sílvia Lane quem me ajudou a descobrir o que eu ignorava, quando disse:

Nossos papéis e a nossa identidade reproduzem, no nível ideológico (do que é ‘idealizado’, valorizado) e no da ação, as relações de dominação, como maneiras ‘naturais’ e ‘universais’ de ser sociais, relações de dominação necessárias para a reprodução das condições materiais de vida e a manutenção da sociedade de classes, onde uns poucos dominam e muitos são dominados através da exploração da força de trabalho (Lane, 1981, p.23)

Achei o ignorado! Sílvia Lane (1984) também me mostrou que se eu considerar essa reprodução como absoluta, como estritamente minha sem levar em conta a mediação ideológica (os “outros” situados dentro do contexto social, cultural e histórico que a possibilitou), estarei fazendo, sem dúvida, uma reprodução parcial, com déficit de explanação histórica e, portanto, ideológica. Sendo assim, contar a história da psicologia social, através de minhas próprias impressões, do “meu jeito”, seria contar uma história sob uma perspectiva ideológica (‘sob a perspectiva da minha ideologia’).

A função metalingüística do parágrafo acima é salientar que a história que estou contando contém a história das minhas ideologias que não são exclusivamente minhas. Então, as ideologias são uma

criação social em mim, e representam, hoje, um reflexo da minha própria ideologia e é por isso que não posso afirmar que é só minha. É assim que eu entendo a reprodução de minha própria ideologia. Ufa! Acabei! Minha mãe sempre dizia: “Filho! Pára de encher lingüiça e fala logo”, quando eu enrolava para dizer algo. Consegui terminar isso sem ela precisar dizer coisa alguma... Estou evoluindo!

Considerando que as minhas ideologias são uma criação social em mim, peço licença ao leitor para dialogar com outros autores para “pensar” sobre o termo ideologia “como produto histórico que se cristaliza nas instituições” (Lane, 1984, p.13) até mesmo para convencer-me de que a minha ideologia não é só minha.

Quando eu estava no cursinho preparando-me para prestar o vestibular, descobri que Marx entendia ideologia como sendo uma forma de ‘falsa consciência’, que permeava as ações humanas de acordo com interesses de classes (burguesia e proletariado). Esses interesses de classes formavam um conjunto de idéias sobre a realidade, socialmente determinada, através da moral, da religião, da metafísica, dos sistemas filosóficos, das doutrinas políticas e econômicas, etc.

Na Universidade essa visão marxista de ideologia, aos poucos, foi sendo revista, quando dialoguei com outros autores. Revisitando os acontecimentos históricos que marcaram a Revolução Russa e que fizeram com que o termo ideologia representasse as idéias de Marx, Lênin e depois Luckács, Marcondes Filho (1985) – a partir de uma postura filosófica materialista –, coloca que hoje não basta apontar interesses e diferenças entre classes sociais (burguesia e proletariado) para entender o que vem a ser ideologia. Isto porque, a ideologia hoje faz parte da vida cotidiana, quando consideramos as relações que estabelecemos com diversos grupos sociais. Aí eu pergunto: por quê?

Porque com esses grupos compartilhamos um monte de idéias com outras pessoas (podem até ser babacas, mas compartilhamos), objetivos (que nem sempre a gente concorda), valores (que muitas vezes só servem para aumentar sentimentos de culpa), interesses (que às vezes são adjetivados como “interesses interesseiros”), amores, ilusões, expectativas perdidas, preocupações, metas pessoais e/ou profissionais, etc. Então, isso indica que tanto eu quanto você devemos fazer uma importante reflexão sobre a nossa identidade social, definida pelo conjunto de papéis que desempenhamos (Lane, 1981). Afinal, será que somos tão originais quanto acreditamos e gostaríamos de ser?

Foi daí que cheguei à conclusão de que as ideologias atuam através de um complexo mecanismo simbólico e “estudar ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (Thompson, 1995, p.76 apud Guareschi, 1999, p.95). Através do conteúdo simbólico das mensagens que nos são transmitidas no dia-a-dia pelos “outros” (sociedade e suas instituições sociais), muitas vezes, engolimos idéias, sugestões e adotamos certas posturas como se fossem “naturais”/ “normais”, levando-nos a acreditar, até mesmo, que podem ser “universais”.

Por isto reitero aqui o achado do ignorado: além do sentir é preciso pensar para falar, pensar para fazer (Lane, 2002), ou seja, o falar deve estar sempre mediado pela reflexão em consonância com aquilo que faço. Falar de ideologia, portanto, é considerar que o nosso pensar é mediado simbolicamente na relação que estabelecemos com os “outros” entre o indivíduo e a sociedade que gera – e está a gerar – mediações ideológicas – valores e explicações postas como “verdades absolutas”, que servem para sustentar e manter relações sociais de dominação. Em poucas palavras, é preciso interpretar melhor o significado dos fatos e eventos que vivemos, sabendo que nossas percepções e ações não estão isentas da mediação ideológica existente na sociedade. Não é algo natural... Tem propósitos...

Contando a história da psicologia social da perspectiva da minha ideologia, que não é só minha

No decorrer da história da civilização muitos pensadores já deixaram sua marca na calçada da fama da história e da filosofia da ciência. Segundo Konder (1981) e Gadotti (1983), a história da filosofia ocidental começou na Grécia Antiga na tentativa de pensar o mundo cientificamente, já que, antes disso, tudo era atribuído a mitos, lendas e à vontade dos “deuses”. Entre os primeiros filósofos encontramos Tales, Pitágoras, Heráclito, Parmênides, Sócrates, Platão, Aristóteles, entre outros.

Heráclito se interessava pelas mudanças. Acreditava no movimento do universo. Ele percebia que nada no mundo permanecia igual de um minuto para outro. Foi o que o fez afirmar que “tudo muda tão rapidamente, que não é possível banhar-se duas vezes no mesmo rio, pois na segunda vez o rio não será mais o mesmo e nós mesmos teremos mudado” (Konder, 1981, p17). Mas Heráclito foi mal interpretado, pois ninguém entendia o que ele queria dizer com o *devir* e a *mudança*. Daí que ele foi conhecido como Heráclito, o “Obscuro” (Konder, 1981).

Há muitos anos atrás, na Grécia Antiga, Sócrates afirmava o movimento do universo, pois segundo ele, através do diálogo, era possível analisar as contradições do pensamento do adversário e chegar numa síntese de sua argumentação. Sócrates foi, sem dúvida, o principal filósofo que deu significado a concepção dialética da história (Konder, 1981). Mas, diferentemente do dualismo platônico (que sustentava uma visão metafísica de dialética e que influenciou profundamente a filosofia ocidental), Aristóteles buscava uma explicação mais empírica e materialista para os fenômenos da grande Mãe Gaia, ao julgar que as formas perfeitas de Platão eram um despropósito, reavivando a idéia de movimento dos fenômenos, através da teoria do Ato e da Potência.

Na idade Média, com a ascensão Romana, a ciência européia passou pelo direito romano e com sua queda pela filosofia de Agostinho e Aquino na Idade Média. Após a baixa Idade Média o renascimento dos valores Greco-Romanos deu impulso ao Iluminismo e aos grandes pensadores da época. Tomás de Aquino, por exemplo, tentou conciliar as idéias de Platão e de Aristóteles, ao conferir um movimento harmonioso entre a Fé e a Razão, colocando o universo em movimento e, ao mesmo tempo, dando sentido à idéia da existência de Deus, Criador de todas as coisas.

Na idade moderna, a Razão Kantiana inspirada no movimento aristotélico e de Descartes (virou a filosofia de ponta cabeça, duvidando de tudo), as idéias de Sócrates são retomadas, avançando na concepção dialética como *método*, propondo a análise para se chegar à síntese. Aqui, lembramos também de Rousseau que colocou a dialética fora de uma concepção metafísica ao sustentar que “o indivíduo era condicionado pela sociedade” (Gadotti, 1983).

Daí que chegamos ao idealismo de Hegel para quem a dialética era vista diante de uma concepção metafísica e cujas idéias influenciaram a concepção materialista da dialética tal como foi colocada por Marx. Para Hegel, o pensamento procedia por contradições superadas da tese (afirmação) à antítese (negação) e daí à síntese (conciliação – negação da negação). Só que a dialética de Hegel fechava-se no mundo das idéias e Marx a inverteu, colocando na matéria, na terra. Substituindo o idealismo de Hegel por uma concepção materialista, Marx inverteu a tríade hegeliana (tese – antítese – síntese) e a dialética adquiriu um status filosófico (materialismo dialético) e científico (materialismo histórico). A esse respeito, Konder (1981), afirma que:

Era preciso evitar que a dialética da história humana fosse analisada como se não tivesse absolutamente nada a ver com a natureza, como se o homem não tivesse uma dimensão irredutivelmente natural e não tivesse começado sua trajetória na natureza. (Konder, 1981, p.57).

Enfim, o termo “dialética” sempre esteve ligado a uma forma de pensar o mundo em movimento, em mudança, em transformação e a psicologia social, ao longo de sua história de produção de conhecimento abraçou esse modo dialético de pensar o mundo para estudar o homem. Por isto, a psicologia social estuda o homem em movimento.

Perdoem-me pela rápida passagem por esse período da História da Humanidade, pois é um assunto cuja importância me impede de falar besteiras e cuja limitação me induz a ser breve. Mas foi com o materialismo alemão do século XIX que a Psicologia Social se identificou.

Quando Marx (materialismo) contrapõe Hegel (idealismo) na história da filosofia, dizendo que a construção do mundo acontece primeiramente aqui, na Terra, na grande mãe Gaia, através do trabalho humano para depois se constituir como pensamento, e não no mundo das idéias, no pensamento construindo a matéria, Marx dá as bases para o Paradigma da Psicologia Social atual. O social deixa de ser um fato imutável da essência humana ou um fator intrínseco à natureza humana e passa a ser considerado, tal como explica Silva (2005), “uma multiplicidade necessariamente construída a partir de uma relação de forças num campo historicamente dado [...] um objeto construído e produzido a partir de diferentes práticas humanas e que não cessa de se transformar” (p. 14-15). Dessa forma, o universal, o abstrato, o conceitual não pode ser entendido em si mesmo, mas somente com base na realidade concreta através de uma contextualização histórica (Oliveira, 2005). Então vamos contextualizar a história para ficar mais fácil a sua compreensão.

O momento histórico e ideológico da Modernidade que, segundo Gonçalves (2005, p.87) teve “sua gênese na contradição fundamental do capitalismo e a compreensão dos aspectos ontológicos, epistemológicos e metodológicos aí presentes deve ser buscada considerando-se o papel do conhecimento científico para o desenvolvimento do capitalismo”, muito colaborou para acentuar a dicotomia epistemológica entre o subjetivo e o objetivo. De um lado, existia a afirmação do indivíduo como sujeito e, de outro lado, esse mesmo sujeito era sujeito do conhecimento, autônomo e participante das relações sociais de produção advindas do capitalismo, o que implicava na possibilidade de gerar transformações, segundo as necessidades de desenvolvimento de novas forças produtivas. Em resumo, a modernidade produzia uma séria contradição entre o sujeito e o objeto do conhecimento, a qual pode ser traduzida na dicotomia entre a subjetividade e a objetividade. Gonçalves (2005) assim se expressa:

A subjetividade do sujeito da modernidade fica reconhecida por sua racionalidade e é sintetizada na razão. A objetividade do objeto fica reconhecida por sua independência em relação ao sujeito e é sintetizada na idéia de causas e leis naturais [...] De que forma esse sujeito, a partir de sua soberania, pode apreender, objetivamente, o objeto? (Gonçalves, 2005, p.88)

Mas, a Pós-Modernidade trouxe muitos questionamentos epistemológicos para a psicologia, como por exemplo, as descobertas da física quântica e, também, as contribuições da teoria da relatividade. Todas estas contribuições e assunções estão bem explicadas e discutidas no livro “O Ponto de Mutação” de Capra (1982). Não gente, quando eu li esse livro comecei a pensar nas ricas idéias que estão aí

povoando a pós-modernidade e que diversos conceitos que eu tinha precisavam ser revistos e ampliados, porque eu pensava o mundo de forma mais cartesiana do que eu mesmo podia imaginar... Outra coisa importante e que não dá pra negar, né, que faz diferença no pensar sobre o sujeito pós-moderno é o Paradigma da Complexidade proposto por Edgar Morin (1996).

Só que, ó professora, eu ainda não me aprofundei nos pressupostos desse Paradigma, mas já entendi que devo evitar pensar de forma simples o homem, o mundo e a realidade. Nada de paradigma da simplicidade, como diz Morin (1996). Estudar os fenômenos humanos é mais complexo do que eu estava imaginando... O que eu sei professora é que essa perspectiva revê a relação “sujeito-objeto”, porque os fenômenos humanos possuem um caráter incerto, mutável e, na psicologia social, nos ajuda a pensar sobre o indivíduo em relação à sociedade e vice-versa.

Então, como eu dizia junto com Oliveira (2005), só podemos entender o universal, o abstrato, o conceitual com base na realidade concreta através de uma contextualização histórica e, por isto, na pós-modernidade, o social passou a ser considerado um meio repleto de contradições que não são antagônicas e incompatíveis, mas duas polaridades que se complementam e se desenvolvem mutuamente num movimento chamado “*dialética*”. Assim, é na perspectiva do Materialismo Histórico Dialético que encontramos no “debate pós-moderno, uma possibilidade de resgatar a historicidade e produzir um conhecimento comprometido com a transformação social” (Gonçalves, 2005, p.101).

Como o universal e o particular se complementam implicando no singular (Oliveira, 2005; Ciampa, 1987), o modo singular de contar a História da Psicologia Social reflete o universal. Quando Martins (2005, p.121) afirma que “pelo relato oral autobiográfico buscamos apreender o processo de personalização de uma pessoa identificando na representação particular de sua singularidade, pela mediação das abstrações teóricas, a realidade representada”, quer dizer que a realidade pode ser compreendida na representação singular que um indivíduo relata dessa mesma realidade. Se o “relato oral” for trocado por “relato escrito” temos nesse ensaio uma importante fonte de conhecimento para a compreensão da realidade.

Agora vamos fazer uma viagem há um tempo longínquo. Farr (1999), recuperando os ancestrais e os fundadores da Psicologia Social, explica que ancestrais são criadores de idéias, teóricos que, através de seus trabalhos, abrem espaço para novas formas de pensar e atuar em um campo da ciência, sem, contudo, envolverem-se na formação institucional de uma disciplina, estão geralmente em um passado mais remoto que o dos fundadores, pois:

São geralmente figuras transitórias [...] determinam um limite entre o passado e o presente de um campo particular de estudo. Pertencem tanto ao passado quanto ao presente, das disciplinas que eles criaram Farr (1999, p.167).

Dentre muitas figuras de destaque na ancestralidade e na fundação de campos da ciência, Farr (1999) expõe algumas que, apesar de suas ambivalências em relação à própria disciplina que fundaram (ou à teoria que elaboraram), apresentaram contribuições importantes na História da Psicologia como Wilhelm Wundt “fundador da psicologia como uma ciência experimental e social” (Farr, 1999, p.168), ao organizar o Laboratório de Psicologia Experimental de Leipzig; Kurt Lewin, “amplamente reconhecido como fundador da psicologia social experimental nos Estados Unidos” (Farr, 1999, p.169); Comte, teórico elaborador do positivismo, fundador ou ancestral da psicologia social (vai saber né!). Comentário jocoso...! Mas em Bernardes (1999, p.24) há uma citação sobre a visão dos psicólogos sociais

experimentais: “Assim como para os psicólogos experimentais Wundt é o pai da Psicologia, para os psicólogos sociais experimentais tal paternidade é dedicada a August Comte”.

Será que os psicólogos sociais experimentais se referem à paternidade no mesmo sentido que Farr (1999) se refere a fundador? Também em Bernardes (1999, p.27) há a colocação: “Allport escreve no Handbook de 1954, o capítulo sobre a história da Psicologia Social. Nele a ancestralidade da Psicologia Social é remetida a Comte”. Já em Farr (1999, p.173) há: “Comte seria um ancestral da psicologia social e não, como G. W. Allport afirma: um fundador”. Mas afinal de contas qual é a verdadeira posição de Allport? Estarão Farr e Allport em algum tipo de contradição? Estarão eles usando palavras diferentes para coisas iguais?

Esses e outros autores de destaque colaboraram para a formação de um histórico do desenvolvimento da psicologia social. Até aqui narrei esta incrível rapsódia da história da psicologia para, além de dar uma descontraída, expor, através dessa quebra da linearidade, que assim como essa narração, a História não segue um curso linear. Ah!... Agora me lembrei de novo de Bernardes (1999, p.20), que escreveu algo sobre isso, pois nas palavras dele: “O processo histórico é contínuo, mas não linear. Não é uma linha reta, muito ao contrário, possui idas e vindas, desvios, avanços e recuos, inversões, etc.”. Vamos entender isso!

Você, psicólogo social, lembra daquela horrível noite fria e nublada? Não? Vou te lembrar. Você acordou. Seus olhos mal abriam e você mal respirava porque você estava com gripe. Você acordou de madrugada com um vento frio cortando seu corpo. Você só tinha um lençol. Era inverno. Você pegou um agasalho. Sua casa de pau-a-pique era mais fria que o mundo lá fora, apesar de você estar dentro de um limite de espaço e tempo, entre a segunda metade da década de 1930 e a primeira da década de 1940, quando se cogitou uma grande guerra... E ela aconteceu e muitos a chamaram de A Segunda Guerra Mundial. Nesse período muitos pensadores, teóricos, cientistas, dentre outros, migraram das terras do Velho Mundo, Europa, para as do Novo Mundo, mais especificamente para uma terra separada da Europa (por um grande oceano) chamada Estados Unidos da América – não que essa terra possuísse realmente, “estados unidos” ou que as outras terras não possuíssem... Mas não vem ao caso, não fuja do tema.

Esses homens do velho mundo, os quais carregavam um conteúdo teórico e metodológico com fortes influências fenomenológicas e, segundo a grande Silvia Lane (1984, p.11), buscavam “modelos científicos totalizantes”, defrontaram-se, nos Estados Unidos, com homens que carregavam conteúdos de postura pragmática. Essa postura visava:

Alterar e/ou criar atitudes, interferir nas relações grupais para harmonizá-las e assim garantir a produtividade do grupo – é uma atuação que se caracteriza pela euforia de uma intervenção que minimizaria conflitos, tornando os homens “felizes” reconstrutores da humanidade que acabava de sair da destruição de uma II Guerra Mundial (Lane, 1984, p.11).

E foi daí que você passou a ver o ser humano sob as lentes do positivismo... Você passou a ver o ser humano através de sua manifestação comportamental, que dizia muitas coisas sobre ele e, por isto, você queria saber tudo sobre ele. Sua maior preocupação era legitimar as informações que colhia acerca do comportamento humano e a experimentar isso empiricamente. Através da observação, você foi criando cada vez mais instrumentos que pudessem facilitar processamentos estatísticos para ajudar você a

analisar os fenômenos comportamentais que observava. Sua principal preocupação passou a ser buscar princípios gerais para controlar, explicar e prever eventos e condutas sociais. Enfim, sua meta era seguir o modelo clássico de ciência para produzir conhecimentos no âmbito da psicologia...

Eureka! Você brilhou! Estava tão feliz que decidiu comer morangos silvestres nos verdes campos enfeitados com arbustos meigos e moitas macias, nadar nos lagos límpidos que refletia as nuvens do céu e se divertir nas cachoeiras com o ser humano que se comportava. Afinal, você queria conhecê-lo. Uhm!!! Será que essa lente positiva lhe proporcionaria isso? Ai gente eu sei lá, vamos adiante!

Assim você passou a alimentar uma grande paixão pelo comportamento humano e ele sempre sorria para você, fazendo-lhe um convite para observar seu comportamento e suas ações. Daí você passou a experimentá-lo. Sua conduta era fonte de fascínio para você e suas palavras acariciavam seus ouvidos como a canção de ninar de Brahms, a eloquência de suas frases e a coerência (ou a incoerência?) de suas ações era inigualável... Ele te ganhou não só no corpo, mas na alma. E vocês se uniram. Aquilo que prendia a luz das estrelas no vazio, impedindo-as de brilhar nos seus olhos, dissipou-se, o vento gélido como o fio de uma espada tornou-se tenro e acolhedor, seu pulmão se encheu completamente de um aroma de rosas brancas. Amanheceu. Mas será que o Sol nasceu?

A Segunda Guerra Mundial acabou. Os tempos posteriores foram escuros e duas tendências dominantes, segundo Lane (1984), a pragmática e a fenomenológica, passaram a reinar através dos homens que as propagavam. Contudo, ambas as tendências eram insuficientes para “recuperar o indivíduo na intersecção de sua história com a história de sua sociedade” (Lane, 1984, p.13), e era somente isto que poderia fazer você enxergar o homem para além de sua conduta, para além de questões que apenas poderiam prever, explicar e controlar comportamentos sociais.

Muitas críticas foram feitas a essas duas tendências. A influência positivista na Psicologia Social foi severamente criticada sob a acusação de que “em nome da objetividade perdeu o ser humano” (Lane, 1984, p.11). Em uma terra europeia chamada França, a Tradição Psicanalítica, após o movimento de 68, ergue sua voz ao mundo e critica a Psicologia Social Estadunidense colocando-a sob a insígnia de ciência ideológica, insígnia essa que demonstra a reprodução dos interesses de uma classe dominante e o resultado de condições históricas limitadas – quem duvidar dessa parte da narração pode consultar os escritos de Lane (1981, 1984). A psicologia social, como era conhecida, estava diante de uma “crise” por ser apontada como a ciência que estuda o comportamento humano – seguindo o modelo clássico de ciência – acabava gerando uma grande dependência de dados coletados de forma descontextualizada e/ou fragmentada, preocupada em fazer pesquisa científica à base da verificação de hipóteses previamente formuladas.

Uma crise que a fez girar num grande vórtice: não importava o quanto você tentava abrir os olhos, você somente via o vermelho suco do pragmatismo, a ofuscada lente do morango. Você comia morangos silvestres na companhia de um ser humano visto sob lentes ofuscadas. Mesmo assim, parecia que nada havia mudado, porque o morango, o fruto de sua paixão quente e terna pelo ser humano que se comportava, ainda se mantinha. Você estava subindo a colina para chegar à sua casa, seu coração batia forte, dando-te forças para chegar ao teu objetivo. Sua mente e seus olhos estavam fixos para entender como o ser humano agia e você valorizava isto, enxergava somente isto. Ótimo!

As redondezas da colina exalavam um agradável perfume de jasmim, que aumentava de intensidade na medida em que você subia. Em frente ao seu lar, o crepúsculo, as janelas com o brilho do fogo da

lareira, o perfume que vinha da sua casa tinha cheiro de incenso. Mas as lentes com que você olhava o ser humano estavam preparando uma surpresa. E que surpresa! Você inspirou o último frescor do prana fora de casa, fechou os olhos num misto de frio na barriga e coragem, franziu o cenho por alguns segundos, segurou o ar no pulmão e entrou... Sua primeira reação foi exatamente não ter reação nenhuma. Duraram alguns milésimos de segundos, então você, de fato, enxergou e se convenceu que estava diante de uma “crise”...

Essa crise analogamente foi a “crise” da psicologia social – que inspirou o último frescor do prana do pragmatismo. Essa crise teve repercussão nas terras da América Latina, terras ao sul dos Estados Unidos da América que, segundo Bernardes (1999, p.30), nas décadas de 60 e 70, possuía uma Psicologia Social visivelmente influenciada pela Psicologia Social de seu vizinho nórdico. A Psicologia Social de cunho positivista estadunidense implantada na América Latina passou a ser criticada pelos povos dessa região, pois ela foi criada sob a influência da elite estadunidense para satisfazer as necessidades estadunidenses da Pós-Segunda Guerra Mundial, e não para satisfazer as necessidades Latino-Americanas. Ou seja, carregava a bandeira de uma ciência ideológica. Veja bem: ela não foi criada para satisfazer as necessidades da Terra, mas da terra Estados Unidos da América e, ainda assim, foi importada para a América Latina. Tal importação gerou uma crise que os psicólogos sociais latino-americanos chamaram, dentre outros nomes, a “crise” da Psicologia Social. Como pontos chaves dessa crise estavam segundo Bernardes (1999):

A dependência teórico-metodológica, principalmente dos Estados Unidos, a descontextualização dos temas abordados, a simplificação e superficialidade das análises destes temas, a individualização do social na Psicologia Social, assim como a não preocupação política com as relações sociais no país e na América Latina em decorrência das teorias importadas (Bernardes, 1999, p.30-31).

Então... Você estava frente a frente com uma “crise”. Você entrou na casa e viu o ser humano, sua paixão, com outros olhos, outra lente. Apenas a sua forma de agir e de se comportar, já não eram mais suficientes para entendê-lo. Que fazer? O sol caiu pesadamente sob o horizonte, fazendo a noite colidir violentamente contra sua cabeça. Vertigem. O putrefato cheiro do “mal do século” expirou de seus alvéolos. Desespero. A sensação de que as alegrias que você passou foram fantasias. Mentiras transformadas em “Verdades”... Impotência! Foi à única voz que teu coração queria pronunciar... E não teve forças. Seus pensamentos eram como uma guilhotina descendo vagarosamente sobre sua nuca: como assim? Equívoco? E agora? Tudo que estudei... Nada valeu?

Você correu para a direção da bússola quebrada, para a terra dos pesadelos, para onde até mesmo sua mais opaca memória teria pânico em ir, e em frente ao portão negro, você... Ouviu... Uma voz de conforto entre os cientistas de seu tempo, que sempre te avisaram da necessidade de colocar aspas em “verdades”... Absolutas... Inquestionáveis... Eles disseram: Calma! Ó, os psicólogos sociais da América Latina estão se organizando e discutindo em Congressos como resolver essa “crise” da Psicologia Social, por que você não vai lá? E você, passou a participar desses Congressos. Sua angústia foi passando e aí está você hoje *tocando em frente* – tal como a música de Almir Sater e Renato Teixeira (cantores da música popular brasileira)–buscando uma nova Psicologia Social e uma nova visão de ser humano para a Psicologia, vista agora à luz das contribuições do materialismo histórico dialético. Aí você decidiu levar em conta o que Sílvia Lane (1984) afirmou:

É dentro do materialismo histórico e da lógica dialética que vamos encontrar os pressupostos epistemológicos para a reconstrução de um conhecimento que atenda à realidade social e ao cotidiano de cada indivíduo e que permita uma intervenção efetiva na rede de relações sociais que define cada indivíduo – objeto da Psicologia Social (Lane, 1984, p.15-16).

Você pensou: ta aí, o materialismo histórico e a lógica dialética podem sim, ser uma nova forma de pensar, já que o homem e a realidade estão sempre em movimento, né? E negar esse movimento, é enxergar o indivíduo como causa e efeito de sua própria individualidade... Humm! Então você precisava parar de se preocupar somente com aquilo que você observava para não ficar reproduzindo ideologias... Ai gente e agora? Desespero total... Foi aí que lembrei de que precisava pensar as coisas de forma diferente do que pensava. Só isso! Sabe por quê? Tudo para você tem um lado só. Ou é uma coisa ou é outra coisa. Você não consegue enxergar uma coisa em relação à outra coisa. Nossa! Isto me faz lembrar sobre a necessidade de superar dicotomias, já que estamos diante de outra lente para estudar o ser humano. Nesse caso, você só precisa pensar que:

Se o homem não for visto como produto e produtor, não só de sua história pessoal, mas da história de sua sociedade, a Psicologia estará apenas reproduzindo as condições necessárias para impedir a emergência das contradições e a transformação social (Lane, 1984, p.15).

É só você entender que o indivíduo não pode mais ser visto de forma isolada, mas como uma totalidade histórico-social (Lane, 1984). Talvez, por isto, não haja necessidade de você voltar a viver na “horrible noite fria e nublada” que o pragmatismo lhe apresentava, talvez ele fundamentasse partes das explicações para quem era afinal o ser humano, quem sabe... Eu sei! Eu sei! Você leitor não jogue pedras, ainda, e analise sua história comigo: A sua história individual é constantemente intercalada de maneira metafórica com a história da humanidade aqui contada. Intercalada e não linearmente contada, como Bernardes (1999) já afirmou. Porém, a sua história individual e a história da humanidade podem ser vistas, analisadas e interpretadas do ponto de vista da História da Psicologia Social aqui descrita, onde todas as “histórias” se complementam. Nesse caso, estaríamos lidando com o simbólico que “se define pelos sentidos e significados que conferimos às coisas e aos fenômenos. É exatamente nestes sentidos que conferimos às coisas e aos fenômenos que nossa relação com o tempo, e com a História, se transforma” (Bernardes, 1999, p.20).

A interpolação entre essas duas histórias é um exemplo em uma escala menor do que seria um processo histórico contínuo e um movimento dialético. Você passou por fatos no passado, que mudaram e re-significaram o seu presente (Bernardes, 1999), tal como a “horrible noite fria e nublada” (rotina), mudada por um fato (crítica à tradição positivista da psicologia social). Essa sua feliz vida foi abalada (crise) por outra necessidade (superação da crise pela adoção do materialismo histórico dialético) que fez você pensar totalmente diferente o ser humano. Contradições históricas imensas...

Opa, agora eu entendi professora! Então, ta aí a lógica da história da filosofia idealista da tríade hegeliana (Tese – Antítese – Síntese), que Marx inverteu! Esse movimento se dá pela contradição (como foi discutido nas aulas de dialética que para Hegel a contradição era o verdadeiro motor do pensamento) aconteceu na história da psicologia social e, por isso a necessidade da psicologia de ver o homem em movimento. Nossa! Psicologia Social: O homem em movimento... Esse é exatamente o título do livro

organizado pela Silvia Lane e pelo Wanderley Codo em 1984 que eu estou usando para fazer esse ensaio escrito! Por isso que esse livro é considerado um marco histórico da produção de conhecimento da psicologia social no Brasil. Ele traz a proposta de uma nova concepção de homem para a psicologia pautada no materialismo histórico dialético que parte dos princípios do marxismo. Uma nova psicologia social... Uma Psicologia Social Crítica!

Opa, nova psicologia social? Isso me lembra de outros autores brasileiros importantes e que nos ajudam a entender a história da psicologia social: Ana Bock, Odair Furtado e Maria de Lourdes Teixeira, que no livro intitulado "Psicologias", publicado em 1997, contam a história da psicologia social na lógica da tríade hegeliana invertida... Eles explicam esse movimento acontecendo na história da psicologia social e na história dos homens. Partindo dos princípios do marxismo é que esses autores explicam a natureza social do fenômeno psíquico:

O homem como um ser social, um ser de relações sociais, está em permanente movimento. Estamos sempre nos transformando, apesar de aparentemente nos mantermos iguais. Isso porque nosso mundo interno se alimenta dos conteúdos que vêm do mundo externo e, como nossa relação com esse mundo externo não cessa, estamos sempre que fazendo a "digestão" desses alimentos e, portanto, sempre em movimento, em processo de transformação. (Bock, Furtado e Teixeira, 1997, P.133).

Sofrido, mas valeu a pena tanto esforço para fazer esse ensaio escrito (agora eu estou rindo). Continuando a História da Psicologia Social (agora é sério). Lembra dos Congressos que você participou com tanta angústia? Então, nesse tempo foi formada a ALAPSO (Associação Latino Americana de Psicologia Social) na década de 1960. Uma Associação que levantava o estandarte da Psicologia Social estadunidense... A mesma que era criticada como, se não quase, inteiramente inviável para a América Latina. Rumores de uma desavença corriam entre os ouvidos. Essa Associação foi repugnada por muitos. As bocas mencionavam uma retaliação. Eu mesmo quase não escapei de lá com vida quando tudo aconteceu. Outras associações como, por exemplo, a AVEPSO (em terras venezuelanas) e a ABRAPSO (em território brasileiro) terras da América Latina, também propuseram uma psicologia social pautada nas contribuições do materialismo histórico dialético.

O Brasil, nessa época, passava por um regime opressivo bélico, cujos habitantes denominaram "ditadura militar", iniciada em 1964. Apesar das críticas, das incompatibilidades, das ditaduras, das pedras no sapato, enfim, todas as dificuldades que passaram as terras latino-americanas, hoje conseguem produzir inúmeros trabalhos de Psicologia Social, sob a perspectiva materialista histórica dialética, que sejam viáveis para a sociedade que possuem. Já adquiriram autonomia suficiente para não necessitar da constante importação de teorias e métodos como importavam antes. Bernardes (1999) está aqui do meu lado e vai dizer em outras palavras a situação da América Latina, porque a realidade hoje parece ser outra:

Os países latino-americanos conseguem construir uma produção em Psicologia Social que não deixa nada a desejar à produção do restante do ocidente. Contextualizada, histórica, preocupada com a cultura, valores, mitos e rituais, brasileiros e latino-americanos em geral, já não vêm mais necessidade de importação desenfreada de teorias e métodos cientificistas (Bernardes, 1999, p.31).

É amigo leitor, assim aconteceu o passado da Psicologia Social e, assim é ela hoje. E no futuro, como será? Irá se modificar? Seguirá outros rumos? Como diria Silvia Lane “*numa frase que sempre valorizou e gostava de repetir: por que não?*” (Ciampa, 2007, p.18). Com este questionamento Silvia Lane deixa claro que devemos recusar qualquer tipo de dogma, o que nos abrirá a possibilidade de visualizar o futuro de forma incerta e instável, evitando pensar o homem, o mundo e a realidade de modo simplificado, tal como hoje nos ensina Edgar Morin (1996). Talvez outros fatos históricos ocorram no futuro e venham à própria história... Ou talvez não, porque não dá para negar a dimensão histórica e social desta nova concepção do ser humano, né? Um dia Shakespeare disse que você aprende a construir todas as suas estradas no hoje, porque o terreno de amanhã é incerto demais para os planos, e o futuro tem o costume de cair em meio ao vão.

Ó professora, foi isso aí que eu entendi: que a História da Psicologia Social está sendo contada, recontada, cortada, recortada, transformada de forma a ser contínua sendo descontínua, a ser um pedaço da História, contudo sem ser desconexa. Entendeu? E sério! Conte tudo que eu sabia e saiu isso aí.

Para terminar quero dizer que escolhi contar a história da psicologia social do “meu jeito”, na esperança de que os alunos, meus companheiros de viagem na psicologia social de hoje e de amanhã, sempre se lembrem de que é cada um de nós que podemos fazer de cada momento vivido o presente mais significativo do que ele possa se apresentar.

Concluindo...

O ensaio aqui apresentado traz a tona acontecimentos históricos que marcaram as especificidades teóricas da Psicologia Social no século XX. Três momentos históricos foram resgatados: a predominância de duas tendências que marcaram as primeiras sistematizações na área da psicologia social (tendência pragmática e tradição filosófica européia); críticas à psicologia social norte-americana, reconhecida como uma ciência ideológica, o que culminou num período de “crise” da produção de conhecimento da área e a adoção dos pressupostos epistemológicos pautados no materialismo histórico dialético proposta para a reconstrução de uma nova psicologia social que assume como princípio básico a natureza histórico-social do ser humano. Acredita-se que o caráter original do ensaio escrito numa linguagem coloquial e literária, oferece contribuições teóricas advindas das idéias de autores representativos à psicologia social.

Considera-se que a abordagem do tema história da psicologia social no contexto de sala de aula constitui-se em um desafio que deve sempre estimular novas reflexões, análises e discussões sobre a possibilidade de se adotar novas práticas no fazer docente que venham a sedimentar um fazer educativo que promova transformação.

Com este ensaio, o objetivo foi chamar a atenção de profissionais do ensino de psicologia sobre a importância de reconhecerem e valorizarem modos particulares de alunos expressarem a apreensão dos conteúdos ministrados na sala de aula, quando as análises críticas iniciam sistematizações e iniciativas importantes em termos de psicologia social.

Referências

- Bernardes, Jefferson de Souza (1999). História. Em: Maria da Graça Corrêa Jacques; Marlene Neves Strey; Nara Maria Guazzelli Bernardes; Pedrinho Arcides Guareschi; Sérgio Antônio Carlos; Tana Mara Galli Fonseca (Eds.). *Psicologia Social Contemporânea: Livro texto* (pp.19-35). 3ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Bock, Ana Maria Bahia; Furtado, Odair; Teixeira, Maria de Lourdes T. (1997). *Psicologias – Uma introdução ao estudo de Psicologia*. 10ªed. São Paulo: Saraiva.
- Capra, Fritjof (1982). *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix.
- Ciampa, Antonio da Costa (1987). *A estória do Severino e a história da Severina – Um ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense.
- Ciampa, Antonio da Costa (2007). Silvia Lane: O homem em movimento. *Psicologia & Sociedade: Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO*. 19. (Ed. Especial), 17-18.
- Codo, Wanderley (1994). Em busca da Psicologia. Em Wanderley Codo e José Jackson Sampaio Coelho (Eds.). *Indivíduo, Trabalho e Sofrimento* (pp.29-50). 2ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Dayrell, Juarez (1996). A escola como espaço sócio-cultural. Em Juarez Dayrell (Ed.). *Múltiplos olhares: sobre Educação e cultura* (pp.136-161). Belo Horizonte: UFMG.
- Farr, Robert (1999). *As raízes da psicologia social moderna (1872-1954)*. 2ª ed. RJ: Vozes.
- Farr, Robert (2002). A individualização da psicologia social. Em Regina Helena de Freitas Campos e Pedrinho Arcides Guareschi (Eds.). *Paradigmas em psicologia social: A perspectiva latino - americana* (pp. 11-26). 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gadotti, Moacir (1983). *Concepção dialética da educação*. São Paulo: Cortez.
- Gonçalves, Maria da Graça Marchina (2005). O método de pesquisa materialista histórico e dialético. Em Angelo Antonio Abrantes; Nilma Renildes da Silva; Sueli Terezinha Ferreira Martins (Eds.). *Psicologia Social: Método Histórico-Social na Psicologia Social* (pp.86-104). Petrópolis: Vozes.
- Guareschi, Pedrinho Arcides (1999). Ideologia. Em Maria da Graça Corrêa Jacques; Marlene Neves Strey; Nara Maria Guazzelli Bernardes; Pedrinho Arcides Guareschi; Sérgio Antônio Carlos; Tana Mara Galli Fonseca (Eds.). *Psicologia Social Contemporânea: Livro texto* (pp.89-103). 3ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Konder, Leandro (1981). *O que é dialética*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense.
- Lane, Silvia Tatiana Maurer (1981). *O que é Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense.
- Lane, Silvia Tatiana Maurer (1984). Psicologia Social e uma nova concepção de homem para a psicologia. Em Lane, Silvia Tatiana Maurer; Wanderley Codo (Eds.). *Psicologia Social: O homem em movimento* (pp.10-19). São Paulo: Brasiliense.

- Lane, Sílvia Tatiana Maurer (2002). A dialética da subjetividade versus objetividade. Em Odair Furtado e Fernando L. González Rey (Eds.). *Por uma epistemologia da subjetividade: Um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais* (pp.11-17). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Marcondes Filho, Ciro (1985). *Ideologia*. Rio de Janeiro: Global.
- Martins, Lígia Márcia (2005). Psicologia sócio-histórica: o fazer científico. Em Angelo Antonio Abrantes; Nilma Renildes da Silva; Sueli Terezinha Ferreira Martins (Eds.). *Psicologia Social: Método Histórico-Social na Psicologia Social* (pp.118-138). Petrópolis: Vozes.
- Martins, Sueli Terezinha Ferreira Martins (2005). O materialismo histórico e a pesquisa-ação em psicologia social e saúde. Em Angelo Antonio Abrantes; Nilma Renildes da Silva; Sueli Terezinha Ferreira Martins (Eds.). *Psicologia Social: Método Histórico-Social na Psicologia Social* (pp.139-154). Petrópolis: Vozes.
- Morin, Edgar (1996). Epistemologia da complexidade. Em Dora Fried Schnitman (Ed.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (pp.274-286). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Oliveira, Betty (2005). A dialética do singular-particular-universal. Em Angelo Antonio Abrantes; Nilma Renildes da Silva; Sueli Terezinha Ferreira Martins (Eds.). *Psicologia Social: Método Histórico-Social na Psicologia Social* (pp.25-51). Petrópolis: Vozes.
- Silva, Rosane Neves da (2005). *A Invenção da Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.
- Valsiner, Jaan (1989). *Human development and culture: The social nature of personality and its study*. Lexington, MA: Lexington Books.

Formato de citación

Paulino, Lucas y Palmieri, Marilicia (2010). A história da psicologia social contada da perspectiva do aluno que não fez a "tarefa de sempre". *Athenea Digital*, 17, 163-178. Disponible en <http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/712>



Este texto está protegido por una licencia [Creative Commons](#).

Usted es libre de copiar, distribuir y comunicar públicamente la obra bajo las siguientes condiciones:

Reconocimiento: Debe reconocer y citar al autor original.

No comercial. No puede utilizar esta obra para fines comerciales.

Sin obras derivadas. No se puede alterar, transformar, o generar una obra derivada a partir de esta obra.

[Resumen de licencia](#) - [Texto completo de la licencia](#)